

marcelo sahea

naada

a



dizer

nada a dizer

**NADA A DIZER**

*Capa, Paginação e Projeto Gráfico*  
Marcelo Sahea

*"Refrão" - poema visual de capa*  
Marcelo Sahea

1ª edição: fevereiro de 2010

© Marcelo Sahea

marcelo sahea

nada a dizer



Se o desenho do fractal dissesse do agora o que esse agora tem a dizer, talvez a melhor ressonância do adjetivo latino (*fractus*) seria em seus significados de risco: "interrompido", "irregular". Em qual tempo se aproximou tanto o tudo e o nada? Nessa forma geométrica movente, simulacro ensimesmado e auto-repetitivo, dissimulado e nunca igual, feito mesmo uma hipnose caótica cuja finalidade do fim – o imperativo do sentido original pertence à religião – está em câmbio tecnologia, arte e ciência. O desabroche da flor fractal não menospreza nenhuma acepção distraída dos "limites ao léu", postos que estão no horizonte do provável da poesia-experiência.

Neste *nada a dizer*, terceiro livro de Marcelo Sahea, podemos sentir o privilégio do cruzamento pós-tudo, no axioma instigante do poema de Augusto de Campos, bem como o dizer conceitual de Décio Pignatari pelo que *nada a dizer* tem de *design* na linguagem. Porém, se nem aquelas certezas mais certas resistem à genealogia mais profunda do moderno – ou modernidade, como queria Murilo Mendes –, não se pode interromper o ordinário na *techné*. Recentemente, em bate-papo virtual com Joana Corona por causa da visualidade contida num poema que ela escrevera, veio-me o conceito do Décio e como estávamos trocando ideias via MSN, um de nós escreveu: "poesia eh desain d language". O belo estético deixou-se contaminar pelo uso irregular do código instigado justamente pela tecnologia em estado ordinário. Apesar de ser uma operação parecida com a montagem de letras retiradas de uma notícia de jornal, no então procedimento dadaísta, não podemos ignorar o modo e a velocidade dessa experiência. Hoje a relação de uso do homem com a *techné* não tem o mesmo significado gre-

go de objeto acabado e eficaz. As vanguardas já apontavam com efeito para isso. Duchamp colou bigodes na Mona Lisa para que Leonardo pudesse participar da equipe de apoio. Ready-made. Haverá sempre um modo de dobrar. Assim como as línguas, no mito, após a negativa divina, poderiam permanecer encerradas em si mesmas, acabadas, constituídas, terminadas e, a partir disso, unas e tão-somente doadas à multiplicidade. Ora, a multiplicidade para existir requer um cruzamento de forças motrizes. As línguas, vivas, ousam *entrecruzar-se* (ou *intraduzir-se*) na justa frequência do *poiésis*, do fazer-se, refazer-se e desfazer-se no acontecimento, no devir. A poesia, feito as línguas, distendeu-se por uma raiz-rizoma ou no dizer de Derrida sobre este mito Torre de Babel: "exibe um não-acabamento, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação, da construção arquitetural, do sistema e da arquetônica". (*Torre de Babel*, p. 11 e 12)

Marcelo Sahea alcança essa singularidade expressiva ao contar-se vivamente para trazer para a sua poética todos esses saberes da chamada modernidade e pós. O constructo de Sahea passa por esse *fazer-se em desconstrução*. "não quero dizer o que foi dito / de um jeito mais bonito / mais bem-feito // quero dizer o indizível / de um jeito infalível / como nenhum jeito // quero dizer sem dizer / fingindo fingir / como se não fingisse // não quero dizer outra vez / como qualquer poeta fez / mas isso eu já disse."

Em meio às ruínas ruidosas do agora, não pretendendo erguer muro algum que não seja possível pular para o outro lado e depois voltar para voltar a pular, a poética em foco mostra-nos um poeta pensando *fora* do lugar comum do poeta e radicalmente comprometido com a contemporaneidade. Parece simples, mas não é fácil pensar como o artista plástico para que este pensamento possa fazer o poeta pensar melhor. É o caso da poesia sonora. Um esforço que foge às reduções das categorias e sugere que o artista venha antes mesmo do poeta. Em

certo sentido, "poeta" pode ser uma categoria insuficiente enquanto "artista" possibilita a dobra e a relação. Isso traz à lembrança outro poeta que atuava na linguagem com o *modus operandi* do artista plástico: Pedro Xisto. Seus logogramas passam pelo compósito especial dessa operação. Sahea tem muito dessa singularidade, evidenciada desde o seu primeiro livro, *carne viva*. Em *nada a dizer*, veja-se como exemplo o *design* delicado de "clitolhos" (p. 45), confeccionado com pelos pubianos e pestanas. Ou, pelo viés de outra concepção plástica, pela qual o autor não se sente intimidado em incidir *na* linguagem com objetos dos mais estranhos para *fazer* o poema, como é o caso de "hit parade" (p. 15). Neste, feito de coração de porco e fone de ouvido, imagem-pulsão desabrida, que retumba na sua interlocução: "Na mnioj / s umá soshlá anatômia / Cplóshnoie cérdtze —", os versos do poema "Amo" (1922), de Maiakovski – traduzidos aqui com menos literalidade, apesar da minha suma ignorância do idioma russo, mas norteados pelo melhor (sumo) da tradução brasileira, Augusto de Campos, que me enviou informações e sugestões decisivas para que pudesse, calculadamente, correr esse risco: "Em mim / monomaníaca anatomia: / Sou todo coração —".

Os materiais usados por Sahea – coração de porco, livro, bola de futebol, esponja de lavar louça, antena de televisão, seringa, dado, microfone encapuzado por desentupidor de pia – podem ser representados pelo ato à deriva de uma tatuagem: "tato/ tatoo/ à toa".

Este micro poema, "tato" (p. 63), haicai livre, diagramado com letras da fonte Akka para lembrar as linhas das digitais das mãos, os veios dos jardins orientais de areia que serviam à meditação e a própria tatuagem como escrita ideográfica no corpo humano. Um fiel "representante" dessa prole de corpos recriados que permite abordagem do corpo *made in time*.

Da visualidade escritural à escrita sonora foi um processo amadurecido e certo. Pois lembro uma passagem em Brasília, em 2005,



um rápido encontro após a minha apresentação na UnB, quando Sahea demonstrou estar decidido iniciar um processo de pesquisa com poesia sonora e performance. Recentemente, em São Paulo, na Casa das Rosas (Simposia/2008), tive a oportunidade de reencontrá-lo e desta vez para dividir a noite dedicada à performance e poesia sonora, juntamente com Lúcio Agra e Ricardo Aleixo. O autor apresentou um mix de Pletórax (performance que vinha trabalhando desde 2006, fruto daquela pesquisa anunciada em Brasília). Com uso de recursos eletrônicos, numa sinestesia poética-sonora-plástica, operacionalizou com maestria um conjunto de forças motrizes que se interpenetravam e se traduziam naquela ação ao vivo. A visualidade de sempre, uma característica marcante no trabalho deste poeta, antes mesmo da relação poesia-som, estava integrada ao espaço da performance. Não se tratou de uma interrupção, de um corte abrupto para fazer outro trabalho, mas de distender uma linha que não se pretende terminar. De fato, uma expansão. Marcelo percebeu como poucos da área que essa relação entre linguagens deve ser feita com maturidade e tem a ver com o acesso à tecnologia *depois* da estética e que inaugura o *lugar* de fluidez dos corpos, onde a experiência significa o uso antes e mais do que o pensar sobre a linguagem. Talvez um regurgitar a poesia: "estomagódio / cerebrócio / medorelha / gentilesôfago / indignasangue / catarrogância / afeto / desejos / respeito / culpa / bocetédio / pautoconfiança / fézes / sacoragem / sêmentira / orgasmaldade / rancoração / esqueleternura / felicidentes / claviculangústia / melancolíngua / amorganismo // pletórax".

Nesse trânsito livre que permite a visualidade na escrita e que esta possa associar-se ao som sem sismos e cataclismos indesejáveis, relacionar-se com o que quiser e que gosto de chamar simplesmente *arte relacional* inserida e comprometida com a multiplicidade contemporânea, isso parece estar no cerne deste *nada a dizer*. O fato é que Marcelo experimenta caminhos diversos, materiais vários, dando mais

sentidos ao código que, muitas vezes, em outras poéticas, não consegue livrar-se de si e passa a ser refém da significação.

Em *nada a dizer* há muitos dizeres, mas, a meu ver, a distensão iniciada pelo simples deslocamento do poeta que se propõe pensar a sua poesia *fora* do pensamento poético (do que isso tem de literário), da poesia mesma, livra-se de certo romantismo ingênuo que se pretende definir poeta. Mudo, esse outro (talvez, poeta) se muda para o lugar-miriade – porque este só poderá ser acessado com perguntas dirigidas além-nominação. Na esteira de um modernismo que se inaugura como canibal, a contemporaneidade nesta deriva necessita da experiência, do uso. Como se sabe, ao longo do século XX, a “experiência” ganhou muitas significações e hoje pode ensaiar seu encontro de caráter híbrido e composto através de muitas formas de negociação e integração com o fim (ou a morte), ou no dizer de Jean-Luc Nancy: “A criação, essa, é eterna: a eternidade é a extensão, o mar misturando-se com o sol, o espaçamento como resistência e revolta dos corpos criados”. (*Corpus*, p. 108) Com efeito, as estéticas, como a *techné*, sempre estarão, todas, por fazer. Infinitamente. Neste sentido, a experiência recém começou e uma variável dessa deriva na multiplicidade poderá ser justamente a *techné*. Os modos de usar. Por meio dos sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição), que pode implicar um aparato experimental (material a ser utilizado) e um procedimento (seqüência de atitudes e medidas a serem feitas pelo experimentador) e essa experiência de uso estabelece relações e ações. Nada a dizer. Tudo por fazer.



para Luz





não sei que corpo é este em que me encontro que encontro é esse em que me perco que dores coleciona que odores não sei quem me pôs aqui se fui eu que pedi onde a nave desse templo nem onde a chave dessa cela e quando eu cheguei pela portaparto disseram que era meu esse corpo eu duvidei e quando dei por mim a mísera parte que me cabia era uma vaga vaga entre o coração e a cabeça e esse descordo não me alcança pois diz sim quando deveria dizer não diz não quando deveria dizer sim é meio que o começo e ao mesmo tempo o fim é um gole que se engole o

princípio em que me encerro um  
rabo mordendo a própria cobra  
esse corpo traz resquícios de meus  
pais indícios de meus netos essa  
cadeia de NDAs esse caldo de  
contracultura esse remix de uma  
mistura por isso mesmo ele não  
se sabe por isso é miríade de  
nadas por isso é o que é que tem  
lava e entra em erupção mas não é  
vulcão tem raiz tronco planta maçã  
palma e não é vegetal mas vegeta  
tem espinhas e não é peixe mas  
nada tem sal conchas céu falanges  
pode ter juba e pode ter trombas e  
pode ter cascos não sei que corpo  
é este em que me encontro eu só



quero saber o que vem escrito nas  
linhas nas vísceras nas rugas nos  
gestos nos passos desse corpouco  
quero saber com que pele faz elo o  
que repele qual é o encaixe desse  
lego de que ovo sai o ego quero  
saber das idades das calvícies das  
cavidades dos hálitos dos hábitos  
dos falos dos talos dos estalos dos  
badalos dos entalhes que dão forma  
e das reformas dos encalhes das  
estruturas ósseas cartilagens dos  
feixes de nervos e músculos por  
baixo da pele que atrai e repele que  
esconde mas revela que lembra mas  
esquece que veste feito abraço um  
doído corpo estranho de tatuagens

iriadas emplastos hematomas  
ciclomens e sorrisos de alabastro  
eu quero saber desse corcorpo  
paleta de rancores onde a dúvida  
a bilsdúvida a duvidentro a  
merdúvida é licor de seu bombom  
o recheio o doce deleite de seio eu  
quero saber desse não-corpo que  
perece é perecível e acaba e como  
se não bastasse tem fim e termina  
mas não finda quando cessa pois  
essa dúvida fica impressa aqui feito  
enigma feito mistério não me lava  
não me luva não me leva não vai pro  
cemitério

dentro dessa  
palavragora

um som que  
se devora e some

na sombra de  
outro som que come

o som que  
essa palavra chora

de fome



palavra dita  
em excesso  
vomita  
no verso

palavra vaga  
em demasia  
caga  
na poesia

palavra chula  
e pegajosa  
ejacula  
na prosa

palavra morta  
de apatia  
aborta  
na elegia

porque assim  
do útero ao caixão?

porque não  
outro percurso?

porque não  
na contramão?

porque não  
ser inconcluso?



an

do

in

do

en

do

un

do



**UVIR**  
**S**

**S**  
**C**

**NS**

**m**

**UTR**

**S**

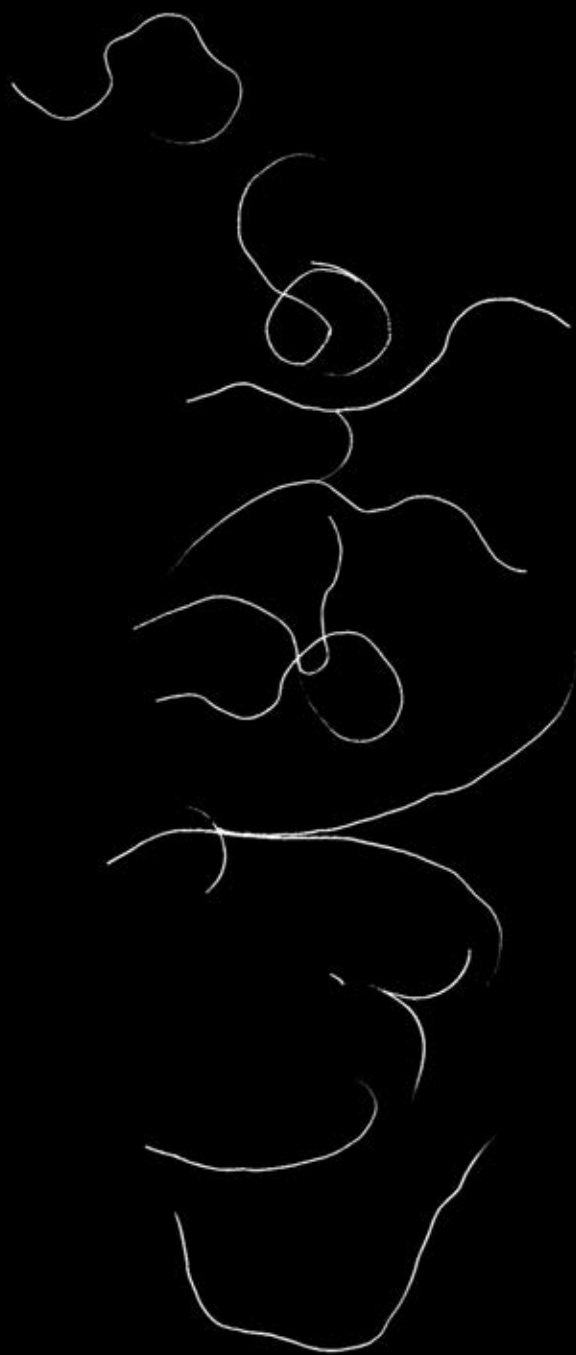
**LH**

**S**



estomagódio  
cerebrócio  
medorelha  
gentilesôfago  
indignasangue  
catarrogação  
afeto  
desejolos  
respeito  
culpa  
bocetédio  
pautoconfiança  
fézes  
sacorage  
sêmentira  
orgasmaldade  
rancoração  
esqueleternura  
felicientes  
claviculargústia  
melancolíngua  
amorganismo

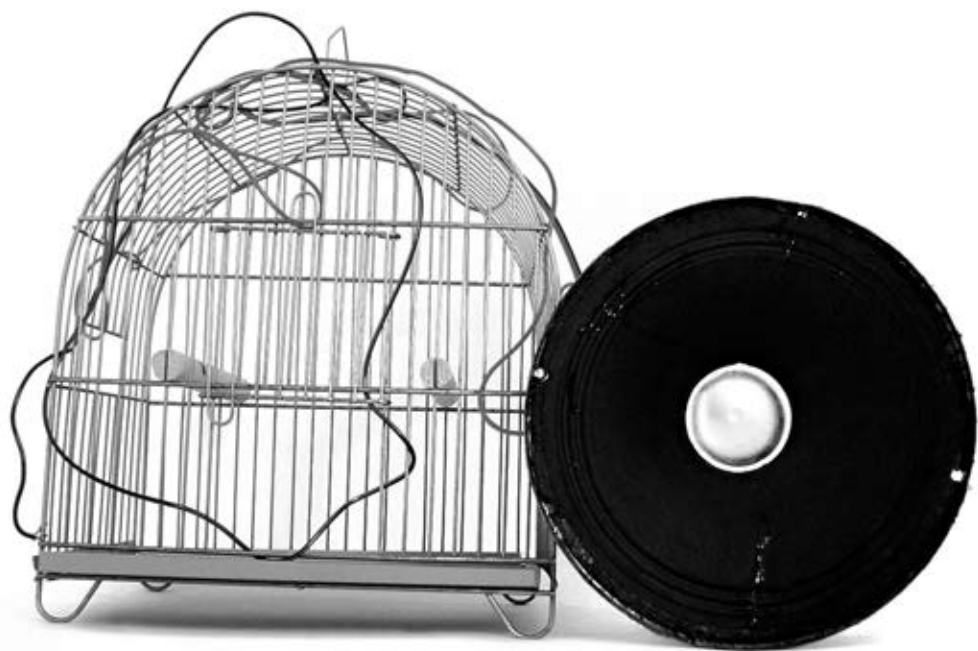
pletórax



repito - me  
repito e  
repito

logo após  
me repito

eco maldito  
vindo de fora  
para o infinito



para ser menos útil  
para ser menos crível  
para não fazer dieta  
um disfarce imbatível:

poeta





Desce a Praça do Perigo  
dobra na Av. São Medonho  
e chega na Rua da Tensão

Vai pela Rua Por um Triz  
desce a Rua Bala Perdida  
e vai dar na Praia do Arrastão

Pega a Medroso da Silva  
desce a Av. Calculista  
e dobra na Santa Aflição

Após o Parque Já Era  
pegue a saída da Rua Perdeu  
desce a Rua Paranóia  
siga pela Rua Aiaiai  
desça à direita na Rua Ai de Mim  
e cai na Desconsolação

Desce na Estação Corre-Corre  
sai no Viaduto Santa Manha  
e chega no Coração na Mão

Sobe a Delirantes  
pega a Av. Presidente Imprudente  
e sai na Av. Vacilão

Do Viaduto do Presunto  
corta a Rua Coronel Tô no Céu  
até avistar o Minhocão

sua voz é a voz de seus avós na voz  
dos seus pais mais a voz dos seus  
ancestrais dos seus dós da foz dos  
passarinhos dos eletrodomésticos  
dos seus vizinhos é a voz dos gritos  
dos fãs dos ritos dos cantos dos  
xamãs das rãs das cascas das romãs  
de carros apressados dos pés  
calçados pisando o asfalto quente  
da sirene que vaia e vai com o ai  
da gente da sereia que encanta do  
raio que raia e acende o céu da sua  
boca da voz oca da cabaça que toca  
na casa da cabeça oca do índio da  
tapioca no fogo do dado rolado no  
jogo do cabum em cabul da lança  
furando o azul do farfalhar da

criança da ré do réu do ré da rês  
do riso do ritmo da corda que trina  
da rede que balança e desafina do  
quadro que cai da parede fina do  
ar que farta da caneta na carta da  
corneta no quartel da careta no fel  
sua voz é a voz das filas das filhas  
das trilhas das quilhas rasgando a  
onda é a voz da fome e da oração  
da panela de pressão giz na lousa  
xis da lusa triz da louça sim à força  
não sem jeito do samba-canção  
no peito piquete e carnaval do  
banquete larval é a voz que sai de  
mim dos elementos de tudo que vai  
no centro do firmamento do vento  
na roupa do varal sua voz é o axial

rasgue este poema  
em pedacinhos

deposite-os  
na língua

— dois por vez —  
a cada crise

se persistirem  
os sintomas

consulte um  
romance

água  
com açúcar

TATTOO

TATTOO

ATTOA

amarrotado mar  
de mármore

verbo que não  
se conjuga

amarra em nós  
suarmadilha

onde a onda  
onda

onde o peixe  
peixa

onde a ilha  
ilha



R★T S T  
★ I R  
S T★R





não quero dizer o que foi dito  
de um jeito mais bonito  
mais bem-feito

quero dizer o indizível  
de um jeito infalível  
como nenhum jeito

quero dizer sem dizer  
fingindo fingir  
como se não fingisse

não quero dizer outra vez  
como qualquer poeta fez  
mas isso eu já disse

carro corpo abrigo  
cama igreja umbigo  
nuvem casco estrada  
quem o quê faz a sua morada?

barraco ponte mansão  
cova casaco papelão  
palafita ventre cela  
quem casa quer asa ou janela?

cabana caverna tenda  
quartel pensão fazenda  
hotel castelo praça  
você se sente em casa em casa?

concha iglu toca  
favela kit oca  
semente ovo ap  
a casa se sente em casa com você?

por um músculo tocado  
pelos astros regido  
pelos carros levado  
por DNA definido

pelos santos guiado  
pela pele impelido  
pelos ais adestrado  
pelos pais concebido

por vozes habitado  
pela moda inserido  
pela arte exilado  
pela dor comprimido

pelas palmas vaiado  
pela vaia aplaudido  
pela vida escolado  
pelo acaso esquecido

não é mar  
que à concha do ouvido  
a concha escuta

líquida voz não lhe cabe  
como cabe  
a ausência bruta

chuá sem chão  
canção sem som  
enxágua a concha enxuta

que nada na calada  
e abraça a brasa d'água  
seivada na voluta

**ERRARE  
HUMANUM  
EST**

mil cento e dois passos e um tropeço até o edifício dela. um dedo no interfone. seis passos até o elevador. um dedo no painel. cinco passos até a porta do apartamento. um dedo na campainha. um sorriso. trinta e oito passos. quatro flexões de joelhos. treze cruzadas de pernas. cento e trinta e dois movimentos randômicos de língua lábios. três quilos de pressão no baixo-ventre. dezoito movimentos randômicos de mãos dedos joelhos quadris. quatrocentos e quarenta e quatro movimentos randômicos de língua lábios dedos queixo. cinquenta e oito quilos nos braços. dez quilos de pressão na cintura. doze quilos de pressão contra o chão. oitenta e um movimentos de sobe-e-desce. três litros de suor. noventa decibéis de gritos e sussurros. duzentos e doze batimentos cardíacos por minuto. seis impulsos espasmódicos. cinco ml. quarenta movimentos randômicos de lábios. oitenta batimentos cardíacos por minuto. um dedo no controle remoto. quarenta e seis canais. uma da manhã.

alma gêmea

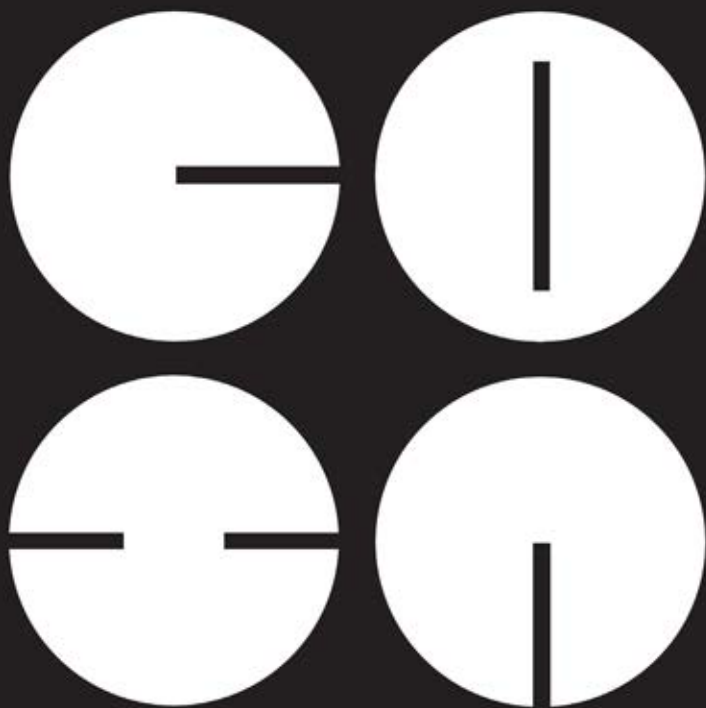


este poema  
não vai ser concebido  
nem vai crescer

este poema  
não tem brevê  
ou alvará

este poema  
não é para ser lido  
por você

este poema  
é para quem nunca  
o lerá







**m**  
**(ai)**  
**s**



*A partir de amanhã nosso passado será lindo. tudo que prometemos e não cumprimos. será no passado. cumprido. a partir de amanhã. nesse ontem não mais passaremos. e faremos planos para esse passado. erraremos no erro mais acertado. acertaremos no acerto equivocados. a partir de amanhã será lindo nosso passado. como não foi nosso futuro de agora. será também lindo nosso futuro de outrora. nas nossas costas. sorrindo. indo. indo. a partir de amanhã nosso passado estará sumindo. no breu da luz de outro passado. melhor. tingido. costurado. que vai cobrir nossa certeza de um futuro errado. não o futuro do ontem que virá. mas o futuro desse passado passado. que a limpo será passado. nos lençóis amarrotados do afã. mas hoje ainda não. só a partir de amanhã.*

TUDO JÁ FOI DITO PELA VOZ DO POVO É  
A VOZ DE DEUS AJUDA A QUEM VÊ CARA  
NÃO VÊ CORAÇÃO DE MÃE SEMPRE CABE  
MAIS UM É PÓUCO DOIS É BOM TRÊS É  
UMA BRASA MORA EM CASA DE FERREIRO  
ESPETO É DE PAU QUE NASCE TORTO  
MORRE PELA BOCA FECHADA NÃO ENTRA  
POR UM OUVIDO E SAI NA CHUVA É PRA SE  
MOLHAR O BISCOITO VAI UM E VEM A CAVALO  
DADO NÃO EXISTE MULHER FEIA PRA MIM É  
FOME COM A VONTADE DE COMER E COÇAR  
É SÓ TOMA LARANJA QUANDO A ESMOLA É  
GRANDE O CEGO PIOR É O QUE NÃO QUER  
DOIS NÃO BRIGA DE MARIDO É MULHER NÃO  
SE CONTA COM O OVO NO CU DA GALINHA  
VELHA DÁ BOM CALDO MAS MANDA QUEM  
PODE OBEDECE QUEM TEM UM OLHO EM  
TERRA DE CEGO É REI NA BARRIGA ESTÁ  
CHEIA TODA GOLABA TEM BICHO PEGA  
SE FICAR O BICHO COME PEDRA PORQUE  
SABE O BICO QUE TEM MEDO DE ÁGUA  
MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE  
ATÉ QUE QUER OUVI O QUE NÃO QUER  
AGRADAR A TODO MUNDO ACABA NÃO  
HÁ MAL QUE SEMPRE DURE NEM TUDO  
QUE RELUZ É UMA COISA E OUTRA COISA É  
COMO PNEU QUE QUANTO MAIS TRABALHA  
MAIS LISO FICA O DITO PELO NÃO DITO

## NOTAS

"invasor" foi incluído na antologia *Todas as Gerações: O Conto Brasiliense Contemporâneo*, org. Ronaldo Cagiano (LGE Editora, 2006).

"porque não?", "palavra morta" e "inepto" foram incluídos na antologia *Fomes de Formas*, org. Antonio Vicente Pietroforte e Vanderley Mendonça (Selo Demônio Negro, 2008).

"clitolhos" foi confeccionado com pelos pubianos e pestanas.

Uma versão sonora do poema "repito" foi gravada por mim para a *Revista Confraria, arte e literatura - n.º 20* (2008).

"cage", "convívio", "casando como o acaso" e "rascunho" foram publicados na *Revista de Autofagia n.º 1* (Sêlo Editorial, 2006). "casando com o acaso" também foi publicado na *Zunái - Revista de Poesia & Debates* (2004).

Uma versão sonora do poema "2415" foi gravada por mim e publicada na franquia eletrônica da revista *Modo de Usar & Co.* (2009)

O poema visual "M(ai)S" foi incluído, usado na capa e batizou: *M(ai)S - Antologia de Literatura Sadomasoquista Brasileira*, org. Antonio Vicente Pietroforte e Glauco Mattoso (DIX Editorial, 2008).

"tudo já foi dito" foi feito a partir da compilação de vários ditados populares brasileiros.



## ÍNDICE

### APRESENTAÇÃO

<i>Techné</i> dos corpos recriados - Ricardo Corona . . .	pág. 07
hit parade . . . . .	pág. 15
invasor . . . . .	pág. 17
dentro . . . . .	pág. 25
microfome . . . . .	pág. 27
não: . . . . .	pág. 29
palavra morta . . . . .	pág. 31
porque não? . . . . .	pág. 33
rascunho . . . . .	pág. 35
andoindo . . . . .	pág. 37
ouver . . . . .	págs. 39-41
pletórax . . . . .	pág. 43
clitolhos . . . . .	pág. 45
repito . . . . .	pág. 47
cage . . . . .	pág. 49
disfarce . . . . .	pág. 51
casando com o acaso . . . . .	pág. 53
Clec Pôu Fffff . . . . .	pág. 55
sua voz . . . . .	págs. 57-59
receita . . . . .	pág. 61
tato . . . . .	pág. 63
inconjuguável . . . . .	pág. 65
jogo . . . . .	pág. 67
ratstar . . . . .	pág. 69
convívio . . . . .	pág. 71
dizer . . . . .	pág. 73

casa . . . . .	pág. 75
inepto . . . . .	pág. 77
não é mar . . . . .	pág. 79
errare . . . . .	pág. 81
2415 . . . . .	pág. 83
algêmea . . . . .	pág. 85
este poema . . . . .	pág. 87
coin/icon/oinc . . . . .	págs. 89-93
m(ai)s . . . . .	pág. 95
a partir de amanhã . . . . .	pág. 97
tudo já foi dito . . . . .	pág. 99
notas . . . . .	pág. 101



ISBN 978-856314106-4



9 788563 141064